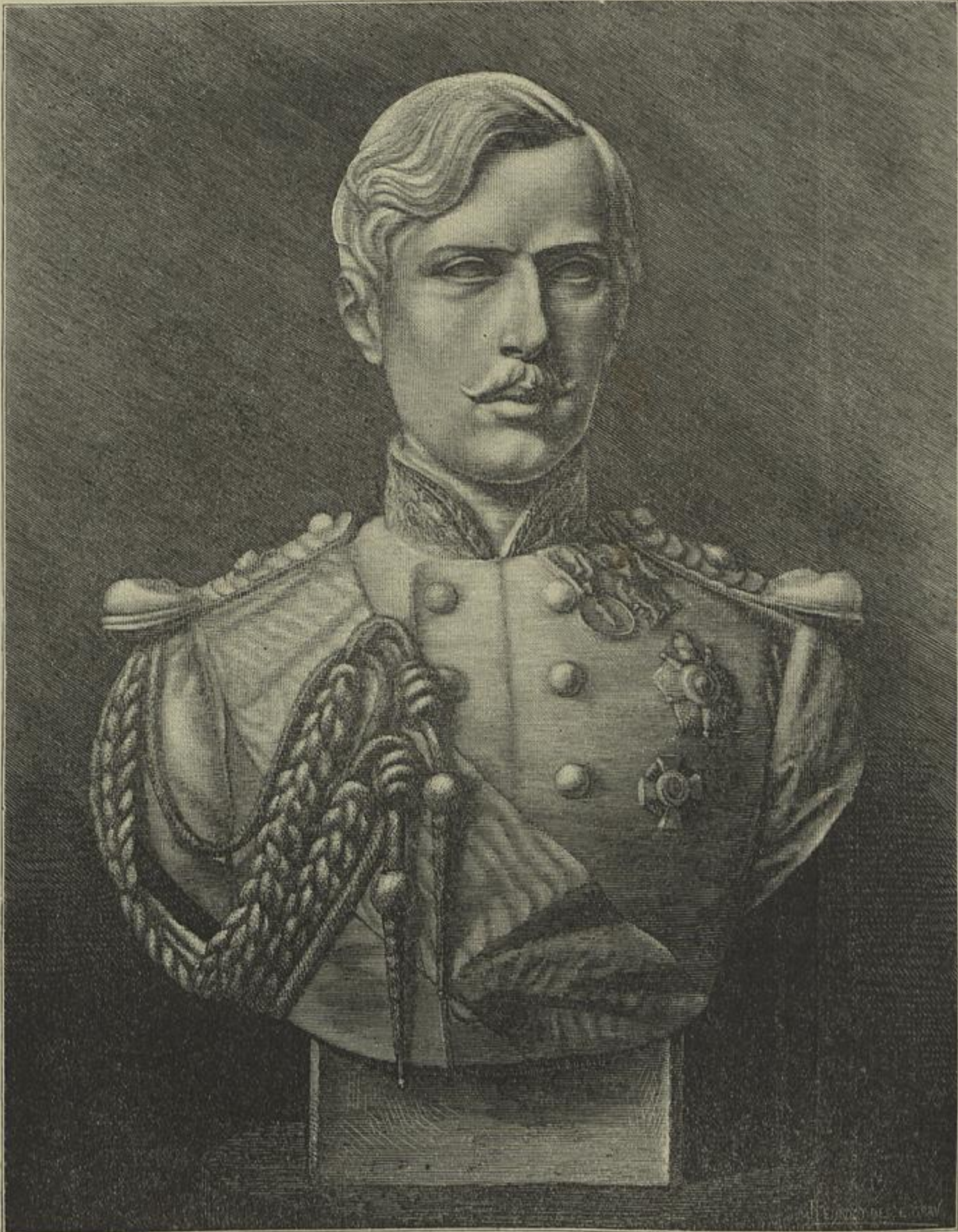
O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

22.° Anno | 10 de Novembro de 1899 | XXII Volume — N.° 751

D. PEDRO V — ESCULPTURA DE A. CALMELS

CHRONICA OCCIDENTAL

Com respeito a noticias da guerra vamos vivendo na maior das incertezas.

Ha dias annunciava um jornal de Lisboa a rendição de Ladysmith, o aprisionamento pelos boers de dez mil inglezes, a derrota completa do exercito de White. Era uma informação hollandeza transmittida para Berlim e que tambem foi publicada pelo *Times*. Dias depois, um novo telegramma contava uma formidavel derrota dos boers, e não houve confirmação de tal noticia. Datado de 7, recebeu-se em Lisboa um telegramma communicando a cessação das hostilidades em Ladysmith, onde, dizia, os inglezes se achavam perfeitamente fortificados.

Como sempre, sem que, a maior parte das vezes, seja facil desvendar a origem da mentira, o telegrapho continua a merecer a classificação que lhe deu Thomaz Vireloque, o vagabundo philosopho de Gavarni.

Só depois de terminada uma campanha, e nem sempre, se póde d'ella fazer a historia. Mil interessados nas mentiras, diplomatas, jogadores de fundos, tornam impossivel, n'um dado momento, saber pelo certo o que se vai passando. Abundam exemplos, alguns recentissimos.

Ao principio da guerra de Cuba, recebeu-se em Lisboa um telegramma publicado pela imprensa da noite, em que se noticiava o ter-se afundado aos tiros dos couraçados hespanhoes, toda a esquadra americana, ou pouco menos.

E as grandes victorias dos francezes contra os prussianos! E todo aquelle regimento de cavallaria allemã, que se havia precipitado n'um abysmo sem fundo!

Mas d'essa vez os bolsistas iam pagando caro as artimanhas.

O problema da victoria ingleza ou boer continua pertencendo á analyse indeterminada, segundo os melhores calculadores, que na imprensa fazem seus malabares com todas as incognitas da terrivel equação.

Chegarão a tempo os reforços a Ladysmith? Eis o ponto principal.

O que muito bem se sabe é que são de grande importancia as perdas nos dois exercitos combatentes.

A uns e outros não falta o valor; boers e inglezes teem pela coragem revelada merecido a admiração do mundo.

Ferido em seu amor proprio pela desgraça das suas armas, o povo inglez tem dado provas do bom senso que o illustra e das altas virtudes civicas, que o fazem dos primeiros do mundo.

Os boers, cheios de fé, de amor pela patria nova, que haviam regado com o suor de honestos trabalhadores antes de ensopal-a no sangue de muitos ferimentos, continuam luctando valorosamente, confiados na Providencia, que não ha de abandonal-os.

E ainda hontem se achava na Haya reunido o congresso de paz, iniciado pelo czar sonhador, senhor de mais de meia Europa, o mais poderoso senhor do mundo! Por isso um sorriso ironico acolhia cada resolução tomada, que todos sabiam não estar no animo de nenhum dos conferentes, embora se possa crer que por vezes estivesse no coração de todos. Sorriso ironico, ironia triste.

E todo o inverno assim o passaremos talvez, na maior de todas as duvidas, incertos da nossa propria sorte. Anda-nos esta bastante dependente d'esse jogo, e não sabemos ao certo por qual dos parceiros nos vamos interessar. O raciocinio para um lado, talvez o coração para o outro... De quando em quando noticias de que nos querem de permeio...

E o tempo a correr tão lindo não vai com certeza para idéas sombrias.

Dois dias de boas pancadas d'agua refrescaram por fim a atmosphera. As manhãs já teem um arzinho de inverno, o frio vai afiando as navalhas com que, d'aqui a mezes, nos ha de lanhar as orelhas. As noites são esplendidas e as estrellas brilham muito no céo humido e sereno.

Estamos no verão de S. Martinho, na quadra mais bella e amorosa de todo o anno.

O sol já não queima e a sua luz ao expirar é toda doçura, toda ella côr de oiro. Que lindos poentes á beira-mar! Que saudades se vão já prevendo dos tempos que passaram rapidos!

Saudades...! Nem todos ás hão ter, a não ser saudades de esperanças. Quantos foram sorridentes para o lado das praias e voltaram de lá cabisbaixos e soturnos!

Para o anno lhes correrá melhor o verão, se for certo o que se diz da boa vontade do sr. Presidente do Conselho em attender á representação da Associação Commercial de Lisboa relativa ás casas de jogo.

Até que emfim! E já não é sem tempo.

Muitos dos frequentadores das praias foram voltando, e já as tardes em Lisboa apresentam um aspecto mais animado.

Uma d'estas noites haverá talvez até uma animação desusada. Dia de S. Martinho já se prova o vinho novo, e, como sempre, diz-se d'elle maravilhas.

O vinho novo alegre, espumante, chilreante, ha de afugentar para longe de muito pensamento tristezas e desesperanças. E por essas estradas, que vão dar ás hortas, hão de resoar muita cantiga de fados, muito gemer de guitarras, na paizagem tranquilla, que já se não affronta com tão pouco.

Tristezas não pagam dividas, o sol convida ao passeio, o vinho é são, uma guitarrada faz bem á alma, vá tudo de sociedade por ahi fóra!

O inverno vai-se revelando mais com suas caricias do que, por ora, com seus rigores.

Os theatros, afóra S. Carlos, todos se acham abertos, ou já em vesperas de abertura. Está n'este caso o da Avenida, onde brevemente iremos applaudir a Pepa e a Cinira.

O anno vai-se annunciando de boa sorte para todos. A assignatura para as primeiras recitas nos theatros de D. Amelia e D. Maria foi muito superior á do anno passado. As enchentes em todos se succedem e ainda, por assim dizermos, não houve em nenhum d'elles a primeira recita de sensação.

Na Rua dos Condes festejou-se a centesima das *Agulhas e Alfinetes* de Eduardo Schwalback, que foi acclamadissimo.

Para que a sorte a nenhum falhe, até o theatro do Rato renasceu e vai chamando concorrencia com seus espectaculos populares.

Annuncia-se a ultima toirada com o toureiro preto. É já tarde. Os toiros não querem o tempo dos chrysantos.

E já que assim escrevemos a palavra, diremos porquê.

Cada qual chamava como queria ás despedidas do verão, que tanto e em tantas bellissimas exposições veem, desde ha annos, chamando a attenção de todos os amadores d'essas flôres tão bellas com que o verão nos diz adeus.

Chrysântemos, chrysantêmos, chrysântemas, chrysantêmas, ninguem se entendia.

Pois chrysantos lhe chama o padre Manuel Bernardes e explica: *flor d'oiro*.

Chrysantos lhes chamaremos portanto, que é mais simples e não offerece duvidas.

Lindas são e grandes ramalhetes d'ellas havemos de preparar.

Já bem perto a temos de nós, a mais celebre das actrizes francezas, a grande e decantada Sarah Bernhardt, que depois de haver maravilhado meia Europa com as suas ultimas creações, deve entre nós estar representando no dia em que este jornal sahir da imprensa.

Veem cheios de elogios os jornaes hespanhoes pela forma por que esse genio artistico, ha dias, interpretou em Madrid a mais celebre das peças de Shakespeare, *A historia tragica de Hamlet, principe de Dinamarca*.

No *Hamlet*, no *Frou-frou*, na *Dama das Camelias*, na *Tosca* a vamos vêr agora.

Preparae chrysantos e atapetae-lhe o caminho!

João da Camara.

D. PEDRO V

«Morreu o rei! Não morreu com elle a memoria do seu caracter politico, nem dos bons exemplos do seu reinado».

Isto escrevia José Estevam, faz hoje 38 annos.

Parece que a aureola que circumdava aquelle tumulo, aberto para dar passagem ao rei, que ia entrar, coberto de bençãos, na immortalidade e na gloria, allumiava ao mesmo tempo o futuro.

Não morreu, com effeito, a memoria do caracter politico de D. Pedro V, não morreu a memoria dos bons exemplos do seu reinado.

Brilham, cada vez mais scintillantes, as lagrimas com que a gratidão nacional tem orvalhado a corôa de saudades, ainda não desmerecidas, que o povo offertou ao que foi o *amigo dos que trabalham*; — brilham, engastadas para sempre nas folhas roxeadas d'essas flores, que resistem ás ventanias, por muito rijo que ellas soprem, que rejuvenescem com as geadas, por muito que ellas apertem.

Não podia morrer a memoria do rei, que, na vida publica e na vida particular, realisou a gloria santa da benevolencia, da brandura e do amor; não podia morrer a memoria do rei, que pedia a esses suavissimos meios a solução de todos os problemas sociaes, e d'elles esperava, com ardentissima crença, todos os progressos do mundo moral.

Todos os annos n'este dia a infancia desvalida vae balbuciar, de joelhos perante os altares, uma prece pelo eterno descanço do rei, para o qual os livros eram os maiores amigos e a educação o mais valioso patrimonio. E não obstante os crepes que vestem, n'essa funebre ceremonia, as arcarias do templo; não obstante os threnos de Jumell e de Mozart, que enchem de tristeza o sanctuario, aquellas creanças olham para o céo e sorriem, como se fossem flores e galas o que vêem, hymnos de supremo jubilo o que ouvem.

Poderão ellas entrever a bemaventurança, no solemne momento em que nós, curvados sobre um sepulchro, contemplamos tranzidos de susto a pallida face da morte?

Os veteranos, os invalidos, os martyres da abnegação, todos os que soffrem diligenceiam occupar ainda o primeiro logar n'aquelle funebre cortejo, como no primeiro dia em que elle se ordenou, para acompanhar do throno ao tumulo o rei, que ou não devia ter nascido ou nunca devia ter morrido, como dizia o povo n'aquelle instante de suprema afflicção.

E' que até no soffrimento foi o maior o que em todas as virtudes foi o primeiro; — é que o exemplo de tantos merecimentos, coroados por tão grandes amarguras, tem para as maiores dores moraes consolações indiziveis; — nem ha, para impôr silencio aos queixumes da nossa fraqueza, ferida pela adversidade, não ha conselho tão intimativo, advertencia tão salutar, argumento tão irresistivel, como a contemplação da virtude agonisando, coroada de espinhos, nos braços da cruz.

Felizes disposições as de um povo, que chora ao recordar os grandes exemplos que lhe legaram os bons; que se lembra com saudade dos caracteres nobres e distinctos; que paga religiosamente a sua divida de gratidão para com a memoria dos que batalharam pelo seu engrandecimento moral.

E bemditoso aquelle que consegue, a despeito de todas as contrariedades, superior a todas as seducções, levantar-se tanto que, visto de longe pelos vindouros, é o mesmo, tão alto, tão magestoso como o foi visto de perto pelos contemporaneos.

F. L.

AS NOSSAS GRAVURAS

GUERRA NA AFRICA DO SUL

Continuam — e sabe Deus ainda por quanto tempo — voltadas com anciosa curiosidade todas as attenções para actual guerra na Africa do Sul. O facto é digno d'esse interesse e tem lisongeado até gora os mais extremes patriotas, porque as victorias annunciadas pelo telegrapho inglez, e soffregamente acolhidas no mundo inteiro, são de molde a fazer esperar que a lucta dos boers pela sua independencia tem a animal-a o fogo sagrado do amor patrio e da justiça.

Mas, a sorte das armas inclina-se, em geral, para o mais forte. O mosquito da fabula luctando o leão é aqui substituido pela pundunorosa republica. O leopardo é menos generoso que o rei das selvas, e o futuro se encarregará de aclarar o horisonte que ora se enxerga enodoado de sangue.

Em Portugal, o interesse pela lucta anglo-boer não é inferior ao que se experimenta entre os habitantes de outros paizes, e por isso cada nova victoria dos transvaalianos é commentada detidamente.

Na Grã-Bretanha este interesse é sobrepujado por uma resignação heroica do povo e pela esperança anciosa de que a chegada de reforços ao Natal permittirá mais decisiva lucta.

O aturado cerco feito a Ladysmith, onde á data das ultimas noticias se encontrava fortificado o general inglez White, é a grande esperança dos

inglezes. Se White conseguisse conservar-se alli, as forças boers dentro em pouco ver-se-hiam entre dois fogos violentos, sendo forçadas a dispersar-se ou mudar de campo. Com Ladysmith d'um lado e a artilheria do reforços do outro, a victoria dos alliados só se obteria á força cruel de muito sangue.

E por esta importancia capital attribuida ás fortificações de Ladysmith, que as primeiras noticias da sua capitulação fôram de um effeito passmoso no mundo inteiro, Mas, até ao instante que escrevemos, essas noticias são indecisas e muitas tidas por falsas, renascendo o enthusiasmo no Reino Unido pela tenaz defeza de White contra as violentissimas investidas dos boers.

Não será presagiar muito que Ladysmith deve cahir em poder dos alliados, porque todas as probabilidades marcam isso. Mas o destino da guerra, tão caprichoso e variavel, ainda póde surprehender o mundo tomando uma phase inesperada. A revolta dos naturaes da Basutolandia contra os orangenses é talvez o facto mais poderoso n'esse sentido, fazendo desviar as forças boers para esse lado. Mas as laconicas communicações telegraphicas não permittem explanação com que se certifice essa noticia.

O general White, que se diz ferido e até morto, tinha, segundo os ultimos telegrammas, a praça cercada por 25:000 inimigos, contando a guarnição 10:000 homens, a maioria d'elles cançados, por terem vindo de Dundee sob o commando do general Yule.

A tomada de Colenso pelas forças orangistas parece claramente certificada. Assim, a retirada do general White se difficultou por completo. O general orangense que occupou Colenso foi Lucas Meyer.

O cerco de Kimberley, fortificação onde por acaso se encontrava o celebre director da South Africa mr. Cecil Rhodes, a cujos manejos, de collaboração com o ministro das colonias Chamberlain, se attribue toda a causa da actual guerra, era tambem apertadissimo. Faziam-n'o uns 6:000 boers. As ultimas noticias dão rendidas esta praça e a de Mafeking.

Todos conhecem a extranha actividade de Cecil Rhodes e sabem como tem monopolisado o commercio dos territorios africanos da celebre companhia.

Chamam-lhe o «Napoleão do Cabo» tal é a sua influencia n'aquellas regiões. Homem de superior intelligencia e ousadia, não seria muito de esperar que os boers o colhessem facilmente, na tomada de Kimberley.

E' a elle que os boers attribuem toda esta lucta pela ambição demonstrada pelos *claims* de ouro e de diamantes que Transwaal possue e que lhe açularam a cobiça.

Nos telegrammas mais recentes diz-se que a incursão do Natal pela fronteira de Orange é tentada a todo o transe Um comboio blindado, que a nossa gravura representa, percorre a linha de Naawport e de Aar e outros pontos vulneraveis, para prevenir qualquer tentativa de ataque.

A destruição de um comboio d'este genero pelos boers foi o primeiro incidente da guerra actual.

Pela nossa estampa se vê que um comboio blindado é um d'esses vehiculos a vapor cuja locomotiva e carruagens ou wagons são protegidos por chapas de aço ou de folha de aço contra os projecteis do inimigo e provido de pequenos canhões ou metralhadoras.

Na Europa não se usam machinas semelhantes, porque é bem claro que só são uteis contra inimigos sem explosivos ou artilheria. Os inglezes teem empregado muito os comboios blindados no Egypto e no Soldão egypcio. Estes comboios eram improvisados e os wagons protegidos ao acaso, com o que se podia dispor. Na Africa do Sul, ao contrario, construiram-se locomotivas e carruagens especiaes revestidas de placas de blindagem. Na Rhodesia estes comboios teem-lhes prestado notaveis serviços na lucta contra os indigenas, mas agora, contra os boers, são de reduzida efficacia.

A lucta prosegue e das suas peripecias continuaremos registando, como nos cumpre, o que de mais notavel se noticiar.

D. JAYME ISERN

CEGO DE NASCENÇA

I

Encontrando-me em 1819 em Montpellier, como estudante pensionado pela Municipalidade de Gerona, chegou áquella cidade D. Jayme Isern afim de ser operado de cataratas congenitas. As operações que lhe fizeram foram infructiferas, e, para que o não fosse tambem a sua viagem, empreguei os meus ocios a ensinar-lhe as primeiras lettras. N'este estudo, assim como no da musica em que já era perito, deu Isern evidentes provas de applicação e talento, continuou dando-as em varios ramos de instrucção a que o dedicaram depois outros solicitos amigos em seu proveito; e finalmente entregue ás suas proprias forças, fez taes adeantamentos que attrahiram justamente a attenção dos entendidos.

Esta circumstancia e a de poder proporcionar outros dados, que no nosso conceito, contribuirão tambem para melhorar a educação dos cegos, nos impellem a publicar a presente noticia biographica.

. . . .

A noticia biographica de Isern foi por mim redigida não somente para que na biographia dos cegos occupe o nosso concidadão o logar que lhe corresponde, mas tambem para que sirva de norma aos que padecem egual desgraça e seja proveitosa aos que se dediquem a allivial-os.

Não posso deixar de testemunhar aqui a minha gratidão e respeito pelo sr. Pignier, Director geral e Medico chefe do Real Instituto de Cegos de Paris. Este illustre philantropo, a quem remetti ao começar o presente trabalho, algumas provas dos adeantamentos de Isern supplicando me informasse sobre os melhoramentos que n'estes ultimos annos tivesse recebido aquelle Instituto, manifestou-me em uma carta muito instructiva e satisfactoria o singular appreço que fez das referidas provas, instando-me efficaz e amigavelmente a que publicasse os meios que se empregaram para a educação de Isern. E, não satisfeito com informar-me sobre os ultimos melhoramentos introduzidos no estabelecimento que dirige, teve a amabilidade de indicar-me alguns muito importantes que está ensaiando.

Bem sabemos que não é propria a epocha presente para a circulação das obras d'este genero e que em tempos de revoluções se olha friamente para tudo que não seja estrondo e sangue; mas julgamos ao mesmo tempo que nunca são intempestivas as tentativas dirigidas a inclinar os homens para a beneficencia e que sem esta virtude sublime são illusorios e vãos os doces nomes de liberdade e patria.

Dr. Francisco Campderá y Camin

Lloret de Mar, 15 de dezembro de 1836.

II

D. Jayme Isern nasceu na cidade de Mataró pelos fins do anno de 1799. Seus paes, que sabiam sem duvida como é util começar desde a tenra edade com a carreira que convenha seguir, dedicaram n'o assim que completou 4 annos á musica; dando-lhe por professor a D. Felix Font, que, apezar de cego desde creança, era muito perito n'ella e tocava com a maior destreza o piano-forte. De modo que aos 10 annos de edade, Isern executava já regularmente n'aquelle instrumento algumas peças que aprendera de memoria, ouvindo-as tocar por partes ao seu mestre; e não póde duvidar-se de que maiores progressos tivesse feito, se não tivesse sido exclusivamente pratico o methodo pelo qual era ensinado.

Em seguida o rev. D. Antonio Mitjans, organista da cidade de Mataró, e depois da cathedral de Tarragona, tomou a seu cargo adestrar a Isern no piano, e ensinar-lhe o solfejo e arte de compôr musica instrumental e vocal. Para a composição, aquelle engenhoso professor ensinou-lhe de viva voz todas as regras necessarias, e o discipulo executava no piano as harmonias, contrapontos, etc. conforme tinha entendido; e para o solfejo, seguiu meramente o methodo com o qual ensinava os videntes, sem se valer de outro instrumento que não fosse a mão de Isern. N'esta, ia traçando o mestre com o indicador as notas e demais signos para inteiral-o successivamente da sua respectiva configuração, e a mesma mão posta como correspondia fazia as vezes de pauta, e servia para os exercios musicaes tocando-a convenientemente o mestre com o dito dedo indicador: de modo que se se cantava, por exemplo, na clave de sol, suppunha-se que o mi estava no dedo pollegar, que era o que representava a linha inferior da pauta, o sol no indicador, e o fa entre estes dois dedos, etc. E é para notar, como com tão simples meio chegou Isern a conceber tão cabal conceito d'esta materia, que para usar o instrumento que inventou 15 annos depois para escrever musica e do qual se fallará mais adeante, apenas necessitou informar-se com mais cuidado da exacta con figuração das notas.

Com o auxilio dos conhecimentos de musica que acabava de adquirir, exercitou-se Isern com aproveitamento no estudo de outros instrumentos, e especialmente no violino; no qual sendo seu mestre D. Antonio Diaz, primeiro violino da cathedral de Tarragona, chegou a executar com destreza concertos e outras peças dos melhores auctores.

Contava Isern dezoito annos de edade, sem que lhe tivessem inculcado outras noções que não fossem de musica, unica instrucção de que o julgavam capaz seus paes, os quaes não sómente ignoravam o especial aproveitamento com que cultivaram varios ramos do saber alguns cegos, cujos nomes a historia nos transmittiu, nem tão pouco lhes tinha chegado a noticia — tal é a deploravel lentidão com que costumam diffundir-se as noticias dos factos que mais ennobrecem o coração do homem! — dos beneficos estabelecimentos fundados em varios paizes para a educação dos cegos. Parecia, pois, que a futura sorte d'este joven, ainda que filho dilecto de paes remediados e virtuosos, seria pouco menos desgraçada que a de outros muitos, faltos como elle da vista, e que em grande parte ficariam incultas e estereis as prendas do genio com que a natureza quiz de algum modo desagraval-o. Por fortuna poude apreciа las D Vicente Cavanilles, sobrinho do celebre naturalista d'este nome, e acolhendo Isern sob a sua protecção, tomou o arduo empenho de lhe dar uma educação esmerada: e em verdade ninguem mais capaz para levar felizmente a cabo tão enorme tarefa como este amigo sensivel e magnanimo, cujo fino discernimento e selecta erudição competiam com um zelo infatigavel.

Pouco tempo depois de ter começado Isern com a grammatica castelhana, a cujo estudo se dedicou em seguida, teve que separar-se, para comprazer seus paes, da companhia do seu novo bemfeitor e passar a consultar sobre a sua doença ocular — cataractas congenitas — os professores da escola de Montpellier, onde eu residia então. Aqui supportou em breves dias, e com uma serenidade pouco commum, quatro operações nos olhos; e se bem que os circumstantes chegámos a confiar talvez no bom successo, e mesmo a preparar-nos para repetir as experiencias ideologicas de Cheselden, sahiram frustradas por completo as nossas esperanças.

Isern não sentiu muito esta desgraça, porque era pouco o desejo que tinha de ver; o que não parecerá nada estranho se considerarmos: primeiro, que por grandes que sejam os prazeres que a luz proporciona, não pode ter verdadeira ideia d'ella, nem por conseguinte encontral-a de menos, aquelle que a não tenha desfructado alguma vez; e em segundo logar, que acostumado o cego de nascença a uma perpetua escuridão, e ensinado pela necessidade a supprir a vista por meio dos restantes sentidos, não pode semelhante privação ser-lhe tão incommoda e perigosa para as acções ordinarias da vida como com os homens em geral.

Esta indifferença em quanto á faculdade de ver, era mais notavel em Isern porquanto alem de sensibilidade e talento, tinha grandes desejos de aprender e cultivar-se: e estas circumstancias, e a de saber eu que em Paris se educavam os cegos por meio de caracteres em relevo, suggeriram-me a ideia de ensinar-lhe as primeiras lettras. Recebeu-a Isern com enthusiasmo; e tal foi a nossa impaciencia, que sem informar-nos do methodo nem dos instrumentos que era necessario usar, immediatamente a puzemos em pratica do modo que vou referir.

Depois de ter feito decorar a Isern os nomes das lettras pela ordem alphabetica, nomeando-as para isso as vezes que foi necessario, puz nas suas mãos uma placa de folha de lata na qual estavam soldadas, formando relevo, as lettras minusculas do abecedario em caracteres vulgar cursivo, e encarreguei-o de que pelo tacto fosse notando successiva e attentamente a configuração das ditas letras; advertindo-lhe ao mesmo tempo, de que a ordem por que estavam collocadas na placa era a mesma pela qual elle tinha aprendido os seus nomes. Esta placa, que fiz fazer de proposito, tinha na parte inferior um ponto em relevo afim de não se enganar na sua posição

O meu discipulo entregou-se com ardor ao estudo das figuras das lettras; e quando julgou tel-as já impressas na memoria, exercitou-se para se certificar em applicar o indicador sobre qualquer d'ellas, e se não conhecia bem a que apalpava por acaso, recorria successivamente ás do abecedario até encontrar a que lhe tinha sido duvidosa.

D'esta forma chegou Isern a adquirir só por si,

SARAH BERNHARDT — Vid. *Chronica Occidental*

em menos de tres dias, o conhecimento perfeito das letras minusculas cursivas; e então ommittindo os exercicios que são indispensaveis para escrever, dediquei-o immediatamente a copial-as com lapis no papel, começando pelas mais faceis de formar. A imitação de cada lettra requeria exercicios mais ou menos extensos, porque não se passava a copiar outra sem que formasse regularmente a que acabava de exercitar; e é escusado dizer que n'estes exercicios era indispensavel a minha assistencia, não só para ensinal-o como devia começar e proseguir na formação das lettras, mas tambem para explicar-lhe e fazer-lhe palpar no abecedario os defeitos que acaso tivesse a que acabava de figurar, e o modo de os evitar.

Acostumado já Isern a formar de memoria e com alguma regularidade as lettras minusculas soltas, e os accentos e outras notas da pontuação, sobrevieram duas grandes difficuldades para poder escrever, a saber: que tinta seria conveniente usar, e de que modo se poderia dar respectivamente ás letras á mesma altura, e fazer as linhas rectas e equidistantes. Consultando a primeira com o meu sabio e philantropico amigo sr. Dunal, actualmente decano da faculdade de Sciencias de Montpellier, indicou-me o papel calcographico como muito a proposito para o nosso intento; e com respeito á ultima, inventei um instrumento que, emquanto fosse possivel, fizesse as vezes de papel pautado. Consistia n'um marco de madeira guarnecido de linhas transversaes e parallelas, que eram triangulares e o seu angulo inferior recto. Estas linhas estavam collocadas de modo a poder-se escrever nas entrelinhas e com a precaução de assentar perpendicularmente o estylete para formar as letras que não teem haste e o corpo das que a teem, e a podel o inclinar para formar as hastes para baixo ou para cima, até tocar o angulo interior de uma das linhas: o escripto não podia deixar de reunir as condições geometricas acima mencionadas.

Assim pois, para que Isern podesse escrever, só lhe faltava ter o conhecimento da orthographia; e afim de lh'o facilitar, pareceu-me conveniente prescindir das regras fundadas na origem das vozes e no uso de as escrever, e considerar por de prompto a pronuncia como regra unica e universal da escripta. E n'este conceito, depois de lhe ter explicado o que se entende por palavra e syllaba, e a justa divisão das syllabas, fiz-lhe notar que o som de cada palavra resulta do das syllabas de que consta, e o som de cada syllaba do que teem as lettras que a formam; de modo que, accrescentei eu, para escrever uma palavra qualquer, isto é, para saber que lettras a formam, basta pronunciat-a paulatinamente dizendo cada syllaba por si, a menos que concorram o c, g, r, ou u, cujo som varia ou é nullo em certos casos.

Com o estudo d'estas regras e das de pontuação mais essenciaes, acabou Isern de adquirir o conhecimento que tanto desejavamos, e poude desde então servir-se para declarar os seus pensamentos, da arte mais util e sublime de quantas inventou a industria do homem: arte inaccessivel ao parecer para os cegos, e que sem duvida aprendeu Isern com tal facilidade, que no fim de quinze dias de ter aprendido o abecedario, deu-me a lêr algumas phrases que tinha dictado e escripto sem meu conhecimento, cuja leitura o encheu a elle de surpreza e satisfacção, e a mim de um tão incalculavel prazer que nem o tempo nem a adversidade poderam conseguir apagal-o da memoria.

Este primeiro fructo das nossas tarefas não poude deixar de nos incitar a proseguil-as, e dar principio ao estudo da arithmetica o qual desde logo nos pareceu muito mais facil que o da escripta e sobretudo muito adequado aos cegos. Mandei pois fabricar um molde de cobre, com o qual pudessemos obter algarismos de chumbo e com elles fiz uma taboa á imitação da de Pythagoras, por meio da qual poude Isern enteirar-se por si da figura de cada algarismo e aprender egualmente a multiplicar de cór um numero digito por outro. Fiz construir depois para as operações arithmeticas uma outra caixa, e desejando occupar-me exclusivamente em aperfeiçoar Isern na arte de escrever, confiei esta educação ao advogado D. Francisco Verges, natural de Tortosa, que a desempenhou com todo o acerto que era de esperar.

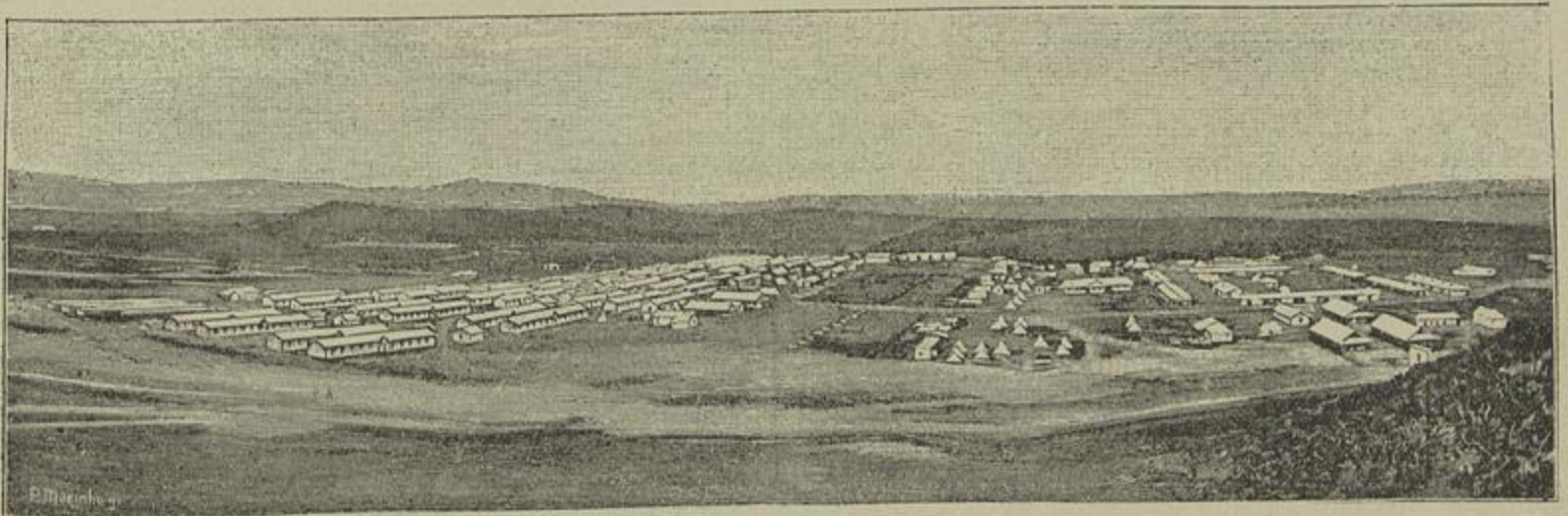
Tinha a letra de Isern defeitos muito notaveis: o espaço que deixava entre palavra e palavra era tão desigual como a distancia que separava as letras que a compunham, ás vezes estava collocada uma letra sobre outra, e finalmente careciam quasi todas ellas da regularidade conveniente. Estes defeitos provinham em grande parte do proprio instrumento de que se servia Isern para fazer as linhas direitas e dar á letra uma mesma altura; e depois de alguns ensaios, inventei um outro. Este ultimo instrumento, para cujo mechanismo me foram muito uteis as observações de Isern e as indicações do sr. Malrich, habil artista d'aquella cidade, além de supprir com notavel vantagem o que usava Isern anteriormente, resultou tambem mais adequado que este para tirar partido de uma posição especial que nos occorreu dar á mão esquerda para escrever, e da qual usa ainda com o melhor effeito. Consiste aquella em acompanhar o estylete com as cabeças dos dedos pollegar e indicador da dita mão, de modo que contribuam não só a guiar convenientemente o movimento do estylete, mas tambem a indicar ao cego a distancia que ha de deixar entre as letras de uma mesma palavra. Os mesmos dedos servem além d'isso para deixar entre as palavras o espaço competente; pois basta para isso que formada a ultima letra de cada palavra, se adeante o indicador, deixando fixo o pollegar até que tenha tomado a distancia que corresponde. É verdade que ainda com estes meios carecia a escripta de Isern de muitas qualidades que a arte requer; mas era muito legivel, e esta circumstancia sem duvida a mais essencial, era a unica que desejávamos. Tambem era a unica que restava para complemento das licções de primeiras letras que me propuz dar a Isern; as quaes me proporcionaram a mim dias de alegria e satisfacção, e a elle um beneficio que lhe pareceu tão apreciavel como a adquisição da vista, pela qual em vão fez a viagem.

Dispostos a despedir-nos, recebemos de Paris o Ensaio sobre a instrucção dos cegos, publicado em 1817 pelo sr. Guillié, director geral e medico chefe do Real Instituto d'aquella capital, obra erudita e philosophica, que não podem deixar de consultar os que se dediquem áquelle ramo de ensino. Em relação ás materias que acabam de ser o objecto especial das nossas investigações, pareceu-nos que o methodo que tinhamos inventado, e que mais acima indicamos, era mais adequado que aquelle que o auctor recommendava, mais perfeitos os nossos instrumentos e os resul-

GUERRA NA AFRICA DO SUL

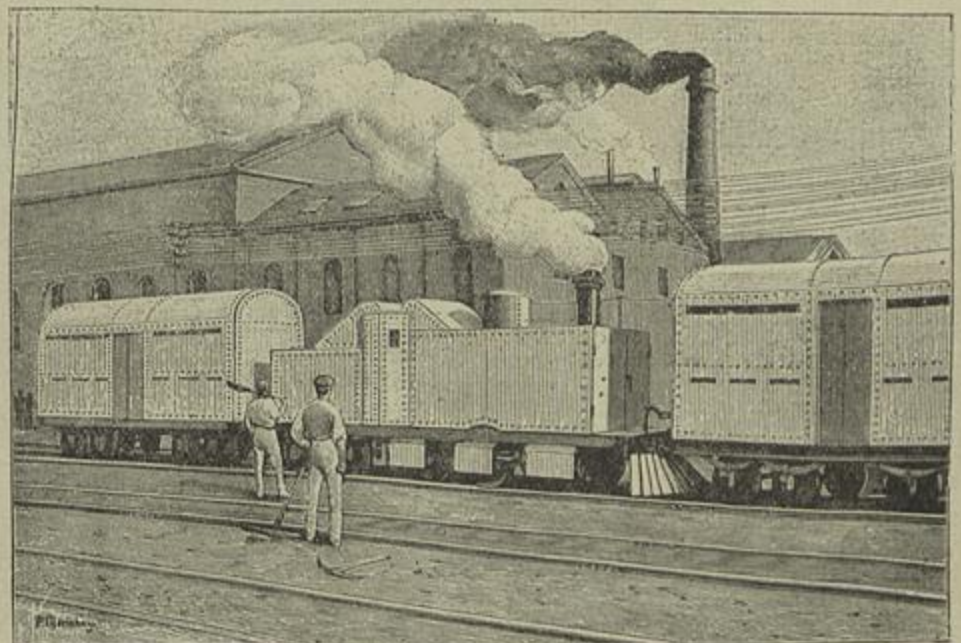
O GENERAL WHITE

CHAMBERLAIN, MINISTRO DAS COLONIAS

CECIL RHODES

ACAMPAMENTO DOS BOERS, EM LADYSMITH

tados mais satisfactorios; mas não podemos lêr sem agradavel surpreza que n'aquelle estabelecimento, além de se ensinar aos cegos as primeiras letras, a musica instrumental e vocal e varias profissões mechanicas, inclusivè a de impressor; se dedicavam tambem por meio de livros impressos por elles proprios, em caracteres em relevo, ao estudo do cathecismo, das linguas franceza, latina, grega, ingleza e italiana, ao das letras humanas, da historia, geographia e mathematicas, e subiu de ponto a nossa admiração ao vêr que tal era o aproveitamento com que cultivavam os cegos estes conhecimentos, que algumas vezes depois de terem vencido em concurso publico a concorrentes do maior merito, chegaram a professores de mathematicas transcendentes, e a explicar com universal applauso a theoria e leis da luz. Louvor eterno, dissemos então, aos fundadores de tão sabio estabelecimento! guiados pela beneficencia, alcançaram a gloria immarcessivel de converter em homens uteis, e talvez eminentes, a muitos infelizes aos quaes a natureza condemnara a viver perpetuamente na obscuridade e na miseria.

A noticia de tão maravilhosos feitos inflammou o animo de Isern, e augmentou n'elle a affeição para o saber; e assim foi que, apenas chegado a Hespanha, passou a reunir-se com o seu antigo mestre e bemfeitor, afim de proseguir com novo alento os estudos que tinha começado antes da sua viagem a França. Apesar de encontrar-se n'aquella epocha D. Vicente Cavanilles em circumstancias espinhosas, não desmaiou do proposito; e tomando a exemplo de Pryestley para descanso de maiores tarefas a agradavel occupação do ensino, dedicou-se á educação de seu carissimo Jayme, com uma paciencia verdadeiramente incrivel, e que eu mesmo admirei mais de uma vez. Fez-lhe tomar affeição á leitura, analyzando-lhe fragmentos escolhidos em prosa e verso dos mais acreditados escriptores pela sua linguagem; e doutrina instruiu-o em ideologia, em mythologia e historia; deu-lhe uteis licções de physica, chymica e historia natural; e por fim procurou inspirar-lhe insensivelmente principios virtuosos e maximas moraes, sem as quaes, como dizia o sublime Newton, o saber não é mais do que um nome especioso e vão.

Restituido a Mataró, Isern correspondeu dignamente á solicitude e ás esperanças dos que se tinham esmerado em lhe cultivar o entendimento; e o resultado das tarefas a que se entregou ao abrigo do tecto paternal, acreditaram sempre a sua laboriosidade e os seus talentos. A primeira, e talvez a mais ardua que podia propôr-se, foi um instrumento com o qual podessem os cegos escrever com notas de musica, coisa que tinha parecido pouco menos que impossivel a alguns entendidos com quem tinha consultado em França, e que Isern alcançou com a maior perfeição.

UM COMBOIO BLINDADO

Ouçamos ácerca dos pormenores historicos de tão engenhoso invento, o que diz o auctor em um dos apontamentos biographicos escriptos do proprio punho e que tenho á vista, cujo contheudo servirá ao mesmo tempo de amostra do seu estylo.

«Em agosto de 1821, com motivo de ter-se declarado a epidemia em Barcelona, vim para Mataró, e fallando um dia com meu primo D Antonio Puigblanch, que aqui se achava n'aquella occasião, tratou-se de se seria ou não possivel que eu escrevesse musica, e aconselhou-me a que fizesse algum ensaio. Já anteriormente, fallando ácerca do mesmo com o meu amigo D. Vicente Rodés, professor de pintura da Real Lonja de Barcelona — Instituto de Artes e Industrias — disse-me este que não considerava impossivel encontrar um meio para que os cegos podessem escrever musica.

(Continua).

O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

(Narrativa de um marinheiro)

(Continuado do numero antecedente)

VI

NOVAS TENTATIVAS DO CAPITÃO-MÓR PARA DEIXAR GENTE EM TERRA

Na terça-feira seguinte,[1] depois de comer, fomos a terra buscar mais lenha e lavar a roupa.

Estavam na praia, quando ali chegámos, uns sessenta ou setenta naturaes sem arcos nem settas.

Logo que abeirámos da praia vieram elles ter comnosco sem se esquivarem; e não tardou que acudissem muitos outros, talvez mais de uns duzentos, todos egualmente sem armas, e, misturando-se com a nossa gente, a ajudavam a acarretar a lenha, a mettel-a nos bateis e trabalhavam assim com os nossos, mostrando n'isso muito prazer.

Emquanto arranjávamos a lenha, faziam dois carpinteiros de bordo uma grande Cruz de um madeiro que na vespera se cortára já para esse fim.[2]

Muitos dos naturaes se ajuntaram em volta dos carpinteiros, e creio que mais o faziam para verem os ferros e mais ferramenta com que os nossos trabalhavam do que para verem a obra que faziam, pois elles não usam coisa alguma de ferro. Para cortarem a sua madeira servem-se de uns páos com umas pedras afeiçoadas á maneira de cunha, as quaes são mettidas entre duas talas muito bem atadas, de forma que ficam bastante solidas. Os homens, que na vespera tinham ido ás casas d'elles, lá viram muitos d'esses instrumentos.

Chegou a tal ponto a conversa d'elles comnosco, que quasi nos estorvavam no que haviamos de fazer.

De novo mandou o capitão a Diogo Dias e mais dois degredados que fossem á tal aldeia e a outras se d'ellas tivessem noticias, e que de toda a maneira não viessem dormir a bordo ainda que os naturaes os mandassem.

Os nossos assim fizeram e em breve se internaram pelo matto, onde andavamos a cortar lenha.

Por cima das arvores, atravessando de um lado para outro, vimos nós bastantes papagaios, uns verdes outros pardos, grandes e pequenos, pelo que supponho haverá na terra grande numero d'elles. Comtudo não contei mais que uns nove ou dez. De outras aves poucas vimos, a não ser algumas pombas, que me pareceram maiores do que as de Portugal. Alguns disseram que viram rolas, mas eu não as vi. Como as arvores são muito grandes e de variadas especies, não duvido que pelo sertão haja muitas aves.

Perto da noite voltámos para as náos, com a lenha que se cortára.

Creio, meu senhor, que me esqueceu de dar conta a Vossa Alteza da forma dos arcos e settas. Os arcos são pretos e compridos e as settas tambem compridas, tendo as cannas muito bem aparadas, como Vossa Alteza verá, por alguns que o nosso capitão ha de mandar.

Na quarta-feira não fomos a terra porque o capitão-mór andou todo o dia no navio dos mantimentos a despejal-o, e a fazer passar para as náos o que cada uma podia levar, afim de assim descarregado poder Gaspar de Lemos ir com elle para Portugal.

N'esse dia acudiram á praia muitos dos naturaes, segundo vimos de bordo, cerca de uns trezentos, ao que disse Sancho de Toar, que lá foi.

Diogo Dias, Affonso Ribeiro e o outro degredado, aos quaes o capitão na vespera mandára que a todo o transe lá pernoitassem, voltaram já bastante de noite, porque os naturaes não quizeram que elles lá dormissem.

Trouxeram os nossos alguns papagaios verdes e outras aves pretas parecidas com as pêgas, com a differença de que tinham o bico branco e os rabos muito curtos.

Quando Sancho de Toar recolheu á náo, quizeram alguns dos naturaes vir acompanhal-o mas elle apenas escolheu dois mancebos já homens perfeitos. N'essa noite mandou tratal-os muito bem, comendo elles toda a carne que se lhes deu. Fez-se-lhes uma boa cama com lençoes, segundo declarou Toar, onde dormiram muito bem toda aquella noite.

Pouco mais succedeu n'este dia que mereça escrever-se.

Na quinta-feira seguinte, fim de abril, comemos logo quasi pela manhã e fomos a terra buscar mais lenha e agua.

Na occasião em que o capitão estava para sair da náo, chegou Sancho de Toar com os seus dois hospedes, e, por elles não terem ainda comido, pozeram-se-lhes toalhas, e trouxe-se-lhes carne. Aos dois hospedes sentaram-n'os n'umas cadeiras, e de tudo o que se lhes deu comeram muito bem, especialmente lacam[1] cozido frio e arroz. Não se lhes trouxe vinho, porque Sancho de Toar disse que não gostavam.

Acabada a refeição, mettemo-nos todos no batel e os dois mancebos comnosco. Um grumete fez presente a um d'elles de uma defeza de porco montez muito retorcida, e assim que lh'a deram logo a metteu no beiço, e como se não segurava, deram-lhe um pedaço de cera vermelha, com que arranjou o adereço de modo a segurar-se, e o poz no beiço com a ponta voltada para cima. Estava tão contente com a prenda, como se tivera uma valiosa joia. Assim que saltámos em terra desappareceu elle de tal forma que nunca mais o vimos.

Andariam na praia, quando ali chegámos, uns oito ou dez naturaes, mas d'ali a pouco começaram a vir, e parece-me que n'este dia ali estiveram uns quatrocentos a quatrocentos e cincoenta. Alguns d'elles traziam arcos e settas e todos os trocavam por carapuças e outros objectos. Comeram comnosco e uns beberam vinho, outros não, mas supponho que se o tivessem não tardariam em bebel-o de muito boa vontade. Apresentavam-se todos tão bem dispostos e tão bem parecidos nas tinturas, que não causavam estranheza maior. Com bastante solicitude e diligencia acarretavam elles a lenha, tanta quanto mais podiam, levando-a para os bateis, e andavam já mais mansos e seguros entre nós, do que nós entre elles.

O capitão com alguns dos nossos foi passear um bocado por este arvoredo, até uma ribeira grande e de muita agoa, que, em nosso parecer, deve ser a mesma que vem ter á praia e da qual fizemos agoada. Ahi estivemos um pedaço bebendo e gosando a sombra d'aquelle arvoredo enorme, que é tão alto, tão basto e de tão variadas especies, que um homem não pode dar conta d'ellas. N'esta matta abundam as palmeiras, das quaes colhemos muitos e bons palmitos.

Quando saímos do batel disse o capitão que seria bom irmos direitos á Cruz, que estava encostada a uma arvore junto ao rio, para se pôr no dia seguinte de manhã, que é sexta-feira, e que nos pozessemos todos de joelhos e a beijassemos, para os naturaes verem o acatamento que lhe tinhamos. Assim o fizemos, e a uns dez ou doze d'elles que ali estavam lhes acenámos para que fizessem o mesmo e todos foram logo beijal-a.

Esta gente parece assim ser de tal innocencia, que, se os entendessemos e elles a nós, seriam bem depressa christãos, porque elles não teem nem entendem nenhuma crença, ao que julgo. E, portanto, se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os perceberem, não duvido que, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se

---

[1] 28 de abril.

[2] Barros diz que Alvares Cabral mandou arvorar uma Cruz muito grande no cimo da arvore, junto da qual se celebrou a missa, o que, alem de discordar da narrativa acima, parece menos provavel, pela situação e altitude do ilhéo, que as aguas cobriam em grande parte. Castanheda diz que era um padrão com uma Cruz, e Goes que foi uma cruz de pedra, como padrão.

Sabe-se que, n'esta armada, por se destinar a partes já descobertas, se não embarcára nenhum padrão de pedra, como se costumava. Não era possivel, pois, apparecer uma Cruz d'aquelle material, onde o não havia.

---

[1] *Lacam* ou *lacão* quer dizer presunto. Ainda hoje em algumas terras do no.te do Al mtejo, pelo menos, se chama assim.

façam christãos e creiam na nossa santa fé, á qual praza a Deus Nosso Senhor que os traga. Esta gente é boa e de grande simplicidade e n'elles permanecerá qualquer cunho que lhe queiramos dar. E logo que Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos como a homens perfeitos, e Elle que aqui nos trouxe, creio que não foi sem causa. Portanto, Vossa Alteza, que tanto deseja dilatar a nossa santa fé catholica, deve procurar-lhes a salvação eterna, e queira Deus que isso se consiga com pouco trabalho.

(Continúa.)

A SOPA ECONOMICA NO LARGO DE ARROIOS

Desenho de Domingos Antonio de Sequeira, gravura de Queiroz

1813

IV

Lê-se pois na parte destinada á *Litteratura*, no *Investigador Portuguez*, setembro de 1811:

«*Subscripção de huma Estampa alta, pollegadas 17, e larga 31, em que se representa no sitio de Arroios o lamentavel ingresso dos Povos, que abandonárão seus lares pela invasão do inimigo commum, e como alli são piedosamente acolhidos: a invenção he de Domingos Antonio de Sequeira, Primeiro Pintor da Camara e Corte de S. A. R. o Principe Regente de Portugal, que no mesmo local copiou do Natural todos os objectos, e he gravada por Gregorio Francisco Queiroz; e Conte,*[1] *e os contornos pelo mesmo Author.*»

«Quasi tres mil figuras se descobrem neste Quadro interessante; elle offerece distinctamente, não só o fluxo, e refluxo dos Viajantes, que frequentão esta estrada, como tambem dos utensilios de guerra, que nesta época se removião para o Exercito; e sobretudo indica energicamente o Carinho Patriotico com que são alimentados, e recebidos no seio de sua Mãi convulsa os filhos beneméritos, que antes quizerão arriscar se a ser victimas da fome, que sujeitar-se ao jugo do Tyranno. Os vindoiros saberão apreciar esta Memoria; e se ella qualifica o caracter do verdadeiro Portuguez, generalisem se os traslados de Original tão honroso, e não se furte ás Nações estranhas a lição proficua de acolher a humanidade afflicta.

«Attendendo á grave despeza, que requer a rapida promptificação desta Estampa, os senhores subscriptores assignarão por cada Exemplar réis 12$800, ficando ao seu generoso arbitrio exhibir toda, ou metade da quantia no acto da Assignatura.

«Os senhores que quizerem subscrever, dirigir-se-hão á Loja de Ferragem de João Baptista Verde, na Rua do Arsenal da Marinha n.º 26.»[2]

Segue-se uma extensa poesia encomiastica, precedida das seguintes linhas:

«Esta obra he tão recommendavel pelo seu objecto, e tão expressiva a sua exposição, que nos inspirou as seguintes linhas»:

Omitimo-las, porque, além de extensa, a poesia que ellas constituem transcende o nosso proposito, que se resume em confirmar, pela transcripção supra, o que em nosso ultimo artigo ponderámos.

Aquelles de nossos leitores que quizerem, todavia, ler os versos a que nos referimos, aqui fica indicado onde elles se acham.

Marquez de Sousa diz que entre os Mss. da Academia (de Bellas Artes) «está o recibo em que o gravador declara ter recebido de D. A. de Sequeira a quantia de 336$000 réis, por abrir aquella chapa, levando só este premio, pela amisade que consagra ao auctor.»

Este documento, que tem a data de junho de 1814, exclue, ou parece excluir a possibilidade de ter Benjamin Comte collaborado tambem na gravura, como se affirmou no annuncio ou reclamo que acabamos de transcrever, e que a propria inscripção da estampa não confirma, mantendo-se só a indicação dada no predito annuncio de serem de Sequeira os contornos. Emtanto, pode bem ser que o artista suisso se haja encarregado de ajudar Queiroz, por contracto particular com este, e n'este caso, algumas das partes mais leves da estampa poderão ser do seu buril. Marquez de Sousa concorda que o gravador portuguez exagerou um pouco a dureza e a falta de claro-escuro do original.

Tal fica sendo, agora mais completa, a historia da gravura da *Sopa Economica*, desenhada por Sequeira e gravada por Queiroz.

No discorrer dos annos, o factor «raridade» tem-se ido alliando com os predicados naturaes da estampa, para o effeito natural de lhe augmentar, commercialmente, o valor.

A chapa soffreu, ao que parece, duas tiragens, e naturalmente os amadores valorisam em mais elevados preços a tiragem original, que, de mais, de dia em dia vae rareando.

Ouvimos, com effeito, que no leilão Biker se vendera o seu bem conservado exemplar da primeira tiragem por 60$000 réis, o que nos parece um bello preço em meio tão minguado, como é o nosso, para este genero de producções artisticas.

Como symptoma, tambem o facto se nos afigura do melhor augurio. Elle prova, com effeito, que ha entre nós quem tenha devoção pelo culto da Arte, conhecimentos geraes, ao menos, da especialidade, hoje reduzida á classe de curiosidade artistica, visto como o esplendor da arte da gravura, como ramo das Bellas Artes, teve de ha muito o seu occaso. Transparece emfim, no facto o zêlo e a estima pelas manifestações artisticas do limitado meio portuguez, tão digno, aliás, de melhor e mais grato apreço.

Com todos os senões que se lhe notam, mas tambem com todas as exhuberantes manifestações do talento que a produziu, a *Sopa Economica do Cruzeiro de Arroios* é gravura digna de figurar entre as mais selectas collecções do genero, e se o gravador não tivesse trabalhado por conta do desenhador, e estivesse, portanto, livre de imprimir alguns exemplares *avant la lettre*, sem duvida que veriamos amadores não só nacionaes mas estrangeiros — inglezes sobretudo — pagar por altos preços um só d'esses exemplares que apparecesse.

E porque tudo que possa interessar á pessoa e á vida do grande artista que em sua provecta edade deu tão singular e luminosa prova do seu verdadeiro e altissimo merecimento, contraste phenomenal com o que costuma acontecer, e portanto mais admiravel ainda, fecharemos estas modestas notas, transcrevendo aqui o requerimento que Domingos Antonio de Sequeira fez á auctoridade prelaticia da diocese lisbonense, para obter a sua certidão de baptismo, e assim tambem a propria certidão, exarada no verso, como de costume.

Por este documento se verá que se o artista, e seus contemporaneos tivessem advertido na dissimilitude que se dá entre os dois differentes appelidos portuguezes. — «Cerqueira», e «Sequeira», elle se não teria feito conhecer por Domingos Antonio de *Sequeira*, mas sim por Domingos Antonio de *Cerqueira*.

Este requerimento foi feito pelo artista, por occasião de ser nomeado cavalleiro do habito de Christo, isto é, provavelmente, apóz 12 de janeiro de 1805, data do decreto respectivo. Para obter a tença correspondente, que alcançou, com effeito, por alvará de 28 do mesmo mez e anno, era-lhe preciso justificar a edade e a filiação. D'ahi a certidão abaixo integralmente transcripta, copiada, com o respectivo requerimento, do proprio cartorio por onde correu o encarte do agraciado.

São como seguem os dois documentos, textualmente copiados.

«Ill.mo Ex.mo Sr.

«Diz Domingos Antonio de Sequeira que para certos Requerimentos se lhe faz perciso que o R.do Reitor da Freguezia de N. S. d'Ajuda lhe passe por Certidão o assento do seu Baptismo; e como o não póde fazer sem o Despacho de V. Ex.a

P. a V. Ex.a a graça
de a mandar passar

E. R. M.cê»

P.
(Com rubrica).

(Por letra de amanuense)

«Herculano Henrique Garcia Camillo Galhardo, Reitor d'esta Real e Parochial Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, certifico que vendo o livro 11.º dos baptizados d'esta Parochia, n'elle a fl. 111 está o assento do theor e forma seguinte:

«Aos trinta dias do mes de Março de mil sete centos e secenta e outo, de Licença minha baptizou o Reverendo Padre Luiz Teixeira a Domingos, que nasceo a dez do corrente, filho de Antonio do Espirito Santo e de Rosa Maria de Lima, recebidos nesta Freguezia. Padrinho Domingos de Serqueira *(sic)* Chavez, moradores nesta freguezia. O Reytor José Joaquim Galhardo.

(Do proprio punho do certificante)

«E não se continha mais no referido assento, a que me reporto, e d'elle fiz passar a prezente, que subscrevi, e acignei *(sic)*: Lisboa aos 19 de Janeiro de 1805. O Prior Herculano Henrique Garcia Camilo Galhardo.»

A ortographia do amanuense do parocho não era de escola muito mais superior do que a d'este sacerdote. Cerqueira, escripto com S, eguala «assignei» com ci-ci. Não era difficil elidir o *r* a quem pouco entendia d'estas differenças, como o biographo illustre do artista provou, publicando-lhe alguns escriptos, nos quaes a ortographia se mostra irmã gemea da do seu parocho.

Gomes de Brito.

H. SUDERNANN

O MOINHO SILENCIOSO

(Continuado do n.º antecedente)

XIX

Quando, uma hora depois, soam as primeiras arcadas, dá um grito e toda freme de alegria:

— Agora, João, sou tua!

O Martinho recommenda-lhe que tome conta com o frio, não vá adoecer outra vez; mas, ainda não acabára de fallar, já elles tinham voado. Então resigna-se, enche um copo de bom vinho de Hungria e estira-se no sofá para descançar.

Veem-lhe á idéa só pensamentos agradaveis. Não se arranjou tudo perfeitamente desde que o João está no moinho? As horas de perturbação, cheias de presagios sinistros, infestadas pelo terror dos fantasmas, não se foram tornando cada vez mais raras? Não sente elle uma nova vida, a olhos vista, conquistada pela alegria d'esses dois innocentes? Aquelle dia alli passado não é a melhor prova que já d'elle desappareceu o medo á gente extranha e que sabe agora associar-se á alegria dos outros? E a Gertrudes?... Que contentamento o d'ella!... N'aquella noite, verdade é que... Mas adeus! As mulheres são seres fraquinhos, sujeitos a todos os caprichos! Mas como tudo se arranjou depressa!

As palavras do João n'aquella tarde veem-lhe de novo á lembrança. «Tudo ha de correr bem, ha de arranjar-se...» Toca com o copo cheio nos dois copos vasios que os pequenos deixaram.

— A' saude dos dois! A nossa alegre união de todos tres, até ao cabo dos nossos dias!...

Entretanto a Gertrudes e o João abriram caminho atravez a multidão compacta e chegaram á porta da sala do baile. Como onda ruidosa a musica arremette com elles; o ar do interior sopra-lhes nos rostos como o halite abrazado d'um peito humano. Na penumbra da barraca, os pares, que volteiam estreitamente enlaçados, passam por deante d'elles: parecem sombras.

O João julga caminhar n'um sonho. Mal se atreve a baixar o olhar para a Gertrudes: o mesmo terror mysterioso amarra-o, aperta lhe o peito como laços de ferro.

— Tão socegado estás hoje! murmura ella approximando o rosto do braço do seu par.

Elle não responde.

— Fiz alguma coisa que te desagradasse?

— Nada, nada, balbucia o João.

— Então vem, dansemos.

No momento em que elle lhe passa o braço pela cintura, ella estremece e depois, com um profundo suspiro, abandona-se. Voam ligeiramente. A Gertrudes inclina o rosto, respirando com força contra o peito do João. Mesmo ao pé do olho es-

[1] Aliás COMTE. Benjamin Comte é o auctor das duas bellissimas e mais conhecidas gravuras da *Batalha*, e dos *Arcos das Aguas Livres*, bem como de outras mais de menor nomeada e apreço. Este artista era suisso, residiu na rua de Buenos Ayres, e falleceu de provecta edade depois de 1843. Veja-se o artigo que Raczynski lhe dedicou em seu *Diccionario*.

[2] João Baptista Verde era cunhado de Domingos de Sequeira; o seu estabelecimento estava na loja correspondente ao n.º actual 116, occupada por uma sapataria. Veja-se no estudo de Marquez de Sousa, a que nos temos referido, o cap. V, a pag. 7 da 4.ª serie.

querdo brilha-lhe o laço, insignia dos atiradores, que elle traz n'esse dia; a seda branca do laço treme junto dos cilios d'ella. Inclina um pouco a cabeça para o lado e, erguendo para elle os olhos, murmura:

— Sabes o que sinto?

— O que?

— Parece que me levas para o ceu!

E, quando tem que parar:

— Vá, depressa, saiamos, diz ella; que eu não tenha que dançar com outro.

Aperta-lhe muito a mão, emquanto elle lhe abre caminho por meio da gente. Feliz e cheia de si, com as faces purpurinas, os olhos brilhantes, passeia cá fóra pelo braço d'elle. Ri, falla, brinca e elle imita-a quanto póde. No calor da dança perdeu completamente a timidez. Uma alegria feroz queima-lhe as veias. Hoje, pertence-lhe ella a elle só, em corpo e alma; sente-lh'o no fremer do braço que com ternura e a occultas mais lhe aperta o d'elle; lê-lh'o no brilho humido dos olhos, que furtivamente se erguem para o rosto d'elle.

Ao cabo d'um momento, diz com certa atrapalhação:

— Ouve, seria bom vermos por onde anda o Martinho.

— Sim, sim, responde elle mostrando cuidado.

Mas ficam-se nas boas tenções. Cada vez que se dirigem para a barraca, dá-se do lado opposto qualquer incidente extraordinario que lhes faz esquecer o proposito.

De repente o Martinho em pessoa vem ao encontro d'elles, no meio d'um rancho de aldeãos que elle convidou para beberem.

— Olá, rapazes, grita-lhes elle; o meu quartel general estabeleço-o agora no hotel da Corôa; se querem beber, venham.

A Gertrudes e o João trocam um olhar de intelligencia e de commum accôrdo agradecem.

— Então, adeus, pequenos, e divirtam-se!

E n'isto afasta-se.

— Nunca o vi tão alegre, observou a Gertrudes a rir.

— Chegou-lhe a vez, diz o João com uma voz terna, seguindo o irmão com um olhar affectuoso.

Quizera abafar o sentimento que lhe roe as entranhas e que a vista do Martinho acordou.

XX

Desce a noite... Toda a multidão em festa banha-a uma luz purpurina. Um crepusculo côr de rosa envolve a planicie e o pinhal.

N'um canto solitario do prado, a Gertrudes immovel deita olhares embriagados para o sol que se extingue.

— Ah! pudera elle hoje não se pôr para nós! grita, abrindo os braços.

— Pois dá lhe as tuas ordens, diz-lhe o João.

— O' sol, eu te ordeno que te deixes ficar comnosco!

E, emquanto o globo de fogo, vai mergulhando, ella tem de repente um calafrio e diz:

— Sabes que lembrança me atravessou agora o espirito? Que nunca mais o veriamos nascer.

E logo, desatando a rir, muito alegre:

— É doidice pura, bem sei! Vamos dançar!

Começara-se outra vez a dançar. Atravez a sala de baile, frementes de alegria, embriagando-se na mutua contemplação, vôam, e desapparecem depois n'um recantosinho sombrio por elles escolhido ao pé do coreto dos musicos, para escaparem aos olhares indiscretos dos outros pares que todos querem conhecer a linda moleira.

Soltaram se os cabellos da Gertrudes, que vôam livremente; em seus olhos enlanguecidos luz aquella chamma que só brilha nos olhos dos ebrios de felicidade; parece que todo seu ser se afunda na voluptuosidade da hora presente.

— O que eu queria era que o pé me não ardesse n'este fogo do inferno, disse ella ao João, quando este a acompanhava ao seu logar.

— Mas então descança!

E ella desata a rir; e logo o Franz Maas vai convidal-a, como rei da festa, para a quadrilha d'honra; ella acceita-lhe o braço e afasta-se n'um turbilhão.

O João passa a mão pela testa a escaldar e olha para o par; mas luzes e gente, tudo a seus olhos se funde n'um cahos tumultuoso; tudo em torno parece-lhe andar á roda. Cambaleia e vê-se forçado a segurar-se a uma porta para não cahir; e como, n'esse instante, o Franz Maas volta com a Gertrudes, pede-lhe que, por meia hora, sirva de cavalheiro á cunhada. Precisa de sahir, respirar ar puro.

Da sala quente, carregada de vapores, onde dois lustres com velas espalham uma fumaceira insupportavel, sai para a noite clara e fresca. Mas ahi mesmo, que barulhada, que musica! Nas barracas

D. JAYME ISERN

Cego de nascença

de tiro estalam as flechas dos arcos; em frente das loterias retine a chamada rouca do patrão engodando os freguezes; e os cavallinhos de páo, que volteiam em algazarra de ensurdecer, illuminam a escuridão com seus festivos doirados falsos. Em meio de tudo vagueia na sombra a multidão

Por detraz do pinhal, cuja corôa sombria e silenciosa domina todo aquelle movimento, accende-se uma luz d'oiro; não tardará meia hora e sobre aquelle scenario a lua verterá seus raios sorridentes.

O João caminha lentamente entre as barracas; em frente da estalagem da Corôa pára e põe-se a espreitar pela janella. Quando, porém, avista o Martinho, sentado, de cara esquentada, em meio d'um grupo de bebedores alegres e bulhentos, esconde-se outra vez na sombra, como se temesse encontral-o. Da casa ao lado saem cantos n'uma algazarra; hesita um instante e porfim entra, porque sente a lingua pegada ao céo da bocca. É recebido com exclamações de alegria. A uma mesa cheia de copos de cerveja está sentado um bando de seus antigos companheiros de escola, uns valdevinos quasi todos, de que d antes procurava fugir. Rodeiam-o, convidam-o para beber, obrigam-o a sentar-se.

— Já não ha quem te veja, João! grita-lhe um do extremo da mesa em frente. Onde te encaixas todas as noites?

— Anda agarrado ás sais da linda cunhada, replica outro com ar de mofa.

— Deixa a minha cunhada em socego, diz o João, franzindo o sobr'olho.

O barulho aborrece-o, os gritos roucos ensurdecem-n'o, doem-lhe as facecias brutaes. Bebe a fio dois copos de cerveja fresca e sai, custando-lhe ver-se livre das instancias dos camaradas.

Dirige-se inertemente para a orla do pinhal e alarga o olhar pela escuridão que principia a animar-se com pallidos reflexos da lua; depois penetra sob as arvores, respirando a longos haustos a atmosphera doce e aromatica dos pinheiros. Quer á força dominar aquella embriaguez inexplicavel, que sente a invadil-o até á medulla dos ossos. Mas, quanto mais se afasta do local da festa, mais sua turbação augmenta.

Quasi ao reentrar na sala de baile, dá com Franz Maas que vem ter com elle, preso de manifesta agitação. Surge-lhe na alma uma vaga desconfiança de desastre.

— Que aconteceu? pergunta.

— Ora até que te encontro! A tua cunhada sentiu-se incommodada..

— Santo Deus!... E para onde a levaste?

— O Martinho trouxe-a para a barraca.

— Mas como foi isso? como foi?

— Havia já um instante que eu a achava pallida e muito calada; perguntei-lhe o que tinha e respondeu-me que lhe doia muito um pé. Apesar d'isso, não quiz deixar-se ficar sentada, e, quando estava dançando comigo, no meio da sala, perdeu os sentidos.

— E então? E depois?

— Levantei-a, levei-a para o logar o mais depressa que pude e mandei chamar o Martinho.

— Besta! Porque me não mandaste buscar?

— Sabia lá onde paravas! E depois calculei que, primeiro que outro qualquer, o marido...

O João soltou uma gargalhada estridente.

— Bem calculado!.. . E depois?

— Quando o Martinho chegou, já a encontrou d'olhos abertos. O primeiro cuidado que teve foi mandar embora todas as mulheres que a cercavam; depois disse-me muito baixinho: «Não lhe diga nada do meu desmaio.» E quando elle correu para ella, muito pallido, ella andou para elle, com um ar muito satisfeito na apparencia e disse-lhe: O sapato faz-me doer. Não foi nada.»

— E depois?

— Depois o Martinho levou-a. Mas ainda tive tempo de vêr que ella desatou a soluçar, encostando a cabeça ao hombro d'elle. E eu disse cá comigo: «Deus sabe onde o sapato lhe faz doer!»

Nada mais o João quer ouvir. Sae correndo sem uma palavra de agradecimento.

Baixaram completamente a cortina da entrada da barraca dos Felshammers. O João escuta por momentos. — O murmurio leve d'umas lagrimas, de mistura com a voz de Martinho que procura socegal-a, chega-lhe lá de dentro aos ouvidos. — Quer erguer a cortina, mas esta não cede, parecendo estar solidamente pregada aos alizares da porta.

— Quem está ahi? grita a voz do Martinho.

— Eu. O João.

— Deixa-te estar lá fóra!

O João estremece. Aquelle «deixa-te estar lá fóra» atravessa-lhe o peito como uma facada. Quando tanto gostaria de estar ao lado d'ella, que está soffrendo, de levar lhe o allivio e a paz, dizerem-lhe: «Deixa-te estar lá fóra!»

Range os dentes e fita o olhar em braza na cortina atravessada por uma tenue luz avermelhada.

— João! grita-lhe de novo a voz do Martinho.

— Quê?

— Vê se já ahi está a carruagem.

Obedece. Para recados ainda serve. Percorre a fila das carruagens e, não achando a d'elles, volta para a barraca.

Já correram a cortina. Lá está ella, com um lenço claro sobre os hombros. Tão pallida e tão bonita!

— Agora me lembra, diz o Martinho, encommendei a carruagem só para ámanhã de manhãsinha .. Que lhe havemos então de fazer?

— A Gertrudes quer ir-se embora? pergunta o João espantado.

— A Gertrudes tem que ir-se embora, diz ella.

E deita-lhe um olhar de seus olhos a nadarem em lagrimas, em que diligenceia pôr um sorriso.

— Tem paciencia, pequena, diz-lhe o Martinho afagando-lhe os cabellos. Se só se tratasse do teu pé, bem ia o negocio. Mas as tuas lagrimas, o teu desasocego... Isso ainda é, creio eu, da tua doença e o descanço é que te ha de fazer bem. Se não fosse tanta demora, eu ia chamar a carruagem... O melhor será dares este passeiosinho pela varzea... claro está, se já te não doe. Que te parece?

A Gertrudes deita um olhar para o João e logo diz que sim.

— O ar está quente, a herva está secca, continuou o Martinho, e o João poderia acompanhar-te.

A Gertrudes estremece e sobe-lhe o rubor ás faces a abrazarem. O olhar do João procura o olhar d'ella, que o evita.

— D'aqui a meia hora podes estar de volta rapaz, ajunta o Martinho, cuidando que o silencio do João quer dizer máo humor.

O João sacode a cabeça e responde, deitando um olhar para a Gertrudes, que elle tambem já está farto.

— Pois vão com Deus, meus filhos! diz o Martinho. E, quando eu me puder livrar dos companheiros, lá vou ter!

O João estende a vista para longe: a varzea que se alarga, velada de prata pelo luar, faz-lhe o effeito d'um abysmo, onde brumas adejam; parece-lhe que o braço que, n'esse instante, procura o d'elle tão doce e carinhosamente, o arrasta para ali, para o fundo d'esse abysmo.

— Boas noites, murmurou sem olhar para o irmão.

— Não me estendes a mão? perguntou-lhe o Martinho a fingir-se zangado.

E como o João, hesitante, lh'a estende, elle aperta-lh'a cordealmente... Que dôr pode causar um aperto de mão!

(Continua).